

O processo de gênese da (s) ciência (s) da religião na UFJF

The process of genesis of the science (s) of religion in UFJF

*Faustino Teixeira**

O curso de ciência da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora é um dos pioneiros no Brasil. Sua história remonta ao início dos anos 1970, tendo sido antecedido pela criação do Colegiado de Ciências das Religiões, em 27 de junho de 1969. Esse colegiado, na ocasião, estava vinculado ao Departamento de Filosofia da UFJF¹. Na histórica ata da primeira reunião desse colegiado estão as assinaturas de Jaime Snoek, Murílio de Avelar Hingel, José Francisco Simões, Emílio Agostinho Giacommini, Sônia de Almeida Marcato e Maria Auxiliadora Nicolato. A partir da segunda reunião verifica-se também a presença da representação discente, com a assinatura do aluno de filosofia Rubem Barbosa Filho. Nesse colegiado foi sendo aos poucos gestado o projeto de um curso de ciências das religiões.

A ideia do curso nasceu com Jaime Snoek (1920-), reconhecido moralista e padre redentorista. Tendo chegado ao Brasil em 1953, depois de defender sua tese doutoral na Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino (Angelicum – Roma), instalou-se em Juiz de Fora. Atuou na cidade junto à Paróquia da Glória, assumindo também a cadeira de Teologia

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana. Professor no Departamento de Ciência da Religião da UFJF. Contato: fteixeira@uai.com.br

¹ E as disciplinas relacionadas às ciências das religiões, depois oferecidas, também estavam lotadas no Departamento de Filosofia, com o código CRE.

Moral no Seminário Maior dos Redentoristas no Floresta. Como reconhecido intelectual dessa área teológica, contribuiu com importantes ensaios na Revista Eclesiástica Brasileira e depois na revista internacional de teologia, *Concilium*, após sua fundação em 1965. Fez parte integrante do comitê de redação da seção de moral desta prestigiosa revista, tendo ali publicado um artigo pioneiro em 1966 sobre o tema do *Terceiro Mundo, revolução e cristianismo*. Antecipa, na ocasião, um tema que será central na teologia da libertação, nascida por volta de 1968. Pe. Jaime participou também da fundação da Faculdade de Serviço Social, em 1958, tendo ali lecionado até o ano de 1985, acompanhando de perto a trajetória histórica e conflitiva dessa faculdade, sobretudo nos anos sombrios que se seguiram ao Ato Institucional nº 5 (AI 5). Ele mesmo sofreu na pele as consequências da repressão que se irradiou sobre essa faculdade, sendo impedido de continuar sua docência em 1977 e só mais tarde reintegrado ali.

Sua presença na Universidade Federal de Juiz de Fora ocorreu na sequência da crise do Seminário da Floresta, em 1967, quando em razão da grande convulsão religiosa e social provocada pelo evento do Vaticano II (1962-1965), o Seminário da Floresta sofreu um rápido esvaziamento. Entre as alternativas que apareceram para os padres redentoristas que ali lecionavam estava a UFJF, que tinha um projeto de fundação de um Instituto de Teologia e Filosofia². Jaime Snoek começa a participar do Grupo de Estudos para a Reforma Universitária (GERU), relatando ao então reitor, prof. Moacyr Borges de Matos, o Projeto Universidade. Os redentoristas inserem-se na Universidade através da Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE), e o pe. Jaime assume a cadeira de Ética Geral, até então ocupada pelo professor Mozart Geraldo Teixeira.

Esse Projeto Universidade ganha acolhida no reitorado do professor Gilson Salomão, amigo e incentivador do pe. Jaime Snoek, e o curso de filosofia vem aprovado pelo Conselho

² No plano de Reforma Universitária apresentado pela UFJF ao MEC em 1969, aparecia a ideia de um Instituto de Filosofia e Teologia e na ocasião, o relator do processo era o professor Newton Sucupira, do CFE.

Universitário em 1968, com o primeiro vestibular em 1970. Logo de início, Jaime Snoek será indicado para coordenador desse curso, assumindo em razão do cargo um lugar no Conselho de Ensino e Pesquisa da UFJF (CEPE), com função exercida até 1977, quando sofre cassação. Presidiu a Câmara de Ensino do CEPE num dos períodos mais efervescentes da história da UFJF, de vivas discussões sobre a Reforma Universitária. Foi nessa ocasião que elaborou e apresentou para a Universidade o projeto do Curso de Ciências das Religiões (assim era definido no início).

O projeto elaborado por Jaime Snoek contava na ocasião com o apoio de Dom Geraldo Maria de Moraes Penido, então arcebispo de Juiz de Fora, junto com o clero diocesano. Esse apoio foi depois retirado e por pouco o projeto não se desfez. A solução encontrada para a crise foi a criação de um Departamento de Ciências das Religiões e não um Curso, sendo as disciplinas então criadas oferecidas como optativas no período noturno, com funcionamento nas dependências da Faculdade de Serviço Social, no centro da cidade.

No primeiro esboço de organização e estruturação do sonhado curso de ciências das religiões³, cujo modelo foi inspirado em experiência holandesa, havia um currículo mínimo previsto para a realização do curso em oito períodos, com disciplinas básicas, complementares comuns e complementares específicas. Dentre as básicas, Estudo Comparado das Religiões (I-II), Filosofia da Religião (I-II) Sociologia da Religião (I-II)⁴, Psicologia Religiosa (I-II) e Teodiceia. Dentre as complementares comuns, Introdução à Filosofia, Introdução à Psicologia, Introdução à Ciência do Direito, Sociologia (I-II), Antropologia Cultural, Antropologia Filosófica (I-IV), Filosofia Social, Ética (I-II), Psicologia Dinâmica, Português I, Lógica (I-II) e História das Ideias Políticas e Sociais. Nas complementares específicas,

³ Esse esboço foi apresentado na terceira reunião do colegiado de Ciências da Religião, com data de 12 de setembro de 1969, com base no resultado do trabalho de duas comissões tiradas na reunião de 27 de junho de 1969.

⁴ Já nessa ocasião foi aventado o nome do professor Pedro Ribeiro de Oliveira para atuar nessa disciplina, e contatos foram feitos com ele na ocasião.

Introdução ao Mundo Bíblico (I-II), Ciências Bíblicas (I-IV), Teologia Positiva (I-IV), Teologia Sistemática (I-IV). Além dessas disciplinas, o aluno poderia complementar a carga horária do curso com disciplinas opcionais, de outros departamentos.

Esse esboço ganhou aperfeiçoamento com a criação oficial do Departamento de Ciências das Religiões, locado no Instituto de Ciências Humanas e de Letras (ICHL), em 10 de novembro de 1971, período em que o professor Afonso Ribeiro da Cruz, que teve passagem pela Congregação Redentorista, exercia o cargo de diretor desse Instituto. Com a criação efetiva do novo departamento, o projeto visado ganha um novo desenho, com um perfil de disciplinas que foi se aperfeiçoando até chegar à seguinte estruturação:

- Ciclo Básico:
 - Sociologia I
 - Civilização Contemporânea
 - Português I
 - Introdução à Psicologia
 - Introdução à Filosofia

- Cadeiras Específicas:
 - Ética I-II
 - Antropologia Religiosa
 - Sociologia VI (Antropologia da Religião)
 - Introdução ao Mundo Bíblico I-II
 - Hermenêutica Bíblica I-II-III
 - Cristologia Bíblica
 - Escatologia Bíblica
 - Cristologia Sistemática
 - Eclesiologia Sistemática
 - História do Cristianismo I-II-III-IV
 - Fenomenologia do Cristianismo I-II-III-IV
 - Estudo Comparado das Religiões I-II
 - Psicologia da Religião
 - Filosofia da Religião I-II⁵

⁵ Essa primeira estruturação das disciplinas do curso de ciências das religiões na UFJF seguiu um modelo bem teológico. Tem razão Marcelo Camurça quando fala sobre “a influência/interferência da Teologia como uma sombra a pairar na estruturação dos Programas de Ciência(s) da Religião, pois foi a partir dela que se originaram” (Camurça, 2003, p. 140).

Dentre os docentes responsáveis pelas disciplinas oferecidas estavam no início, Jaime Snoek (Ética I-II e Fenomenologia do Cristianismo IV – abordando a temática dos Elementos da Moral Cristã⁶), Vitorino Nunes Duarte⁷ (Filosofia da Religião, Fenomenologia do Cristianismo I e Cristologia Sistemática), e Henrique Oswaldo Fraga de Azevedo⁸ (Estudo Comparado das Religiões I-II). Outros docentes foram se somando ao grupo: João Fagundes Hauk⁹ (História do Cristianismo I-IV), Wolfgang Gruen¹⁰ (Introdução ao Mundo Bíblico I e II), Domicio Pereira Matos¹¹ (Hermenêutica Bíblica I-III), Eduardo Benes de Sales Rodrigues¹² (Filosofia da Religião I-II), Antônio Pedro Guglielmi (Hermenêutica Bíblica I-III)¹³, Walmor Oliveira de Azevedo¹⁴ (Hermenêutica Bíblica – em particular Antropologia Bíblica), Antônio José Gabriel¹⁵ (Psicologia da Religião), Zwinglio Mota

⁶ Que a partir de certo momento consistiu numa abordagem da obra de Gustavo Gutiérrez, *Teologia da Libertação*, que havia sido publicada no Brasil em 1975.

⁷ Docente advindo da Congregação Redentorista e que era antes professor no Seminário Maior da Floresta, com pós-graduação realizada em Lovaina (Bélgica).

⁸ Este docente era padre secular com pós-graduação realizada na Escola Bíblica de Jerusalém.

⁹ Padre redentorista, também com passagem de docência no Seminário Maior da Floresta, com formação de Pós-Graduação na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Contribuiu para o projeto de produção da História Geral da Igreja na América Latina, coordenado pelo CEHILA

¹⁰ Padre salesiano, com decisivos trabalhos na área de catequese e ensino religioso, doutor “*honoris causa*” pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma.

¹¹ Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, com pós-graduação na Union Theological Seminary (EUA). Ingressou na UFJF em 1975.

¹² Padre diocesano, com pós-graduação na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Atualmente é Arcebispo de Sorocaba (SP).

¹³ Padre diocesano e importante biblista. Trabalhou na Áustria e atuou no Concílio Vaticano II como perito. Foi responsável pelo decisivo trabalho de atualização do episcopado brasileiro no Vaticano II, através das célebres conferências – mais de 80 - realizadas com os mais importantes teólogos católicos na *Domus Marie* (Roma). Veja a respeito de seu trabalho: Beozzo (2005, p. 197 e 204).

¹⁴ Padre diocesano, com mestrado em ciência bíblica no Pontifício Instituto Bíblico e doutorado em teologia bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Ingressou do Departamento de Ciência da Religião em 1987. É hoje arcebispo de Belo Horizonte.

¹⁵ Tinha sido ex-aluno do curso de ciências das religiões na UFJF, tendo-se depois doutorado em teologia pela PUC-RJ e se inserido no Departamento de Ciência da Religião. Ordenou-se mais tarde e hoje é padre na diocese de Leopoldina.

Dias¹⁶ (Eclesiologia Sistemática, Antropologia Bíblica e Introdução ao Mundo Bíblico). Dentre outros docentes cogitados para lecionar disciplinas no Departamento de Ciências das Religiões, em seu período inicial, figuram os professores Breno Schuman¹⁷, Pedro Ribeiro de Oliveira e Dalton Barros (padre redentorista, especializado na área de Moral).

Na ocasião, em razão da vigência do sistema de créditos, os alunos dos diversos cursos da universidade podiam seguir as disciplinas de ciências das religiões e com elas enriquecer sua creditação. Alguns alunos da filosofia, favorecidos pelo horário noturno de realização das disciplinas, tinham a oportunidade de preencher a carga horária do curso de ciência das religiões e conseguir um certificado oficial da Universidade ao final de sua conclusão. E assim ocorreu com determinados discentes, como Antônio José Gabriel, Faustino Teixeira e Franzisca Carolina Rembein¹⁸, bem como Ricardo Rezende Figueira¹⁹.

Na experiência de Juiz de Fora ocorreram mudanças na nomenclatura do curso. No início nomeava-se ciências das religiões, depois passou para ciência das religiões – isso em 1974 – firmando-se depois, em 1989, com o atual nome de ciência da religião. Trata-se de uma verdadeira “ciranda dos nomes”. A mudança para o singular, uma notória influência alemã, foi definida pelo influxo de um dos professores do Departamento, Antônio Jose Guglielmi, que defendeu arduamente essa mudança nos diversos colegiados na UFJF, tendo sido contemplado

¹⁶ Originário da Igreja Presbiteriana do Brasil, passando depois para a Igreja Presbiteriana Unida. Com formação doutoral em teologia em Hamburgo, na Alemanha, inseriu-se no Departamento de Ciência da Religião em 1982, tendo se retirado da Universidade em 1989 e retornado em 1996, integrando-se no PPCIR.

¹⁷ O seu currículo foi examinado e aprovado pelo colegiado, para fins de contratação, numa reunião de março de 1972, mas ela não chegou a se efetivar. Ele, porém, colaborou com várias iniciativas realizadas no período.

¹⁸ Estes três discentes conseguiram avançar seus estudos de pós-graduação em teologia na PUC-RJ com base na conclusão de creditação nas disciplinas de ciências das religiões, tendo apenas que complementar a formação teológica com um nivelamento proposto pela instituição que os acolheu.

¹⁹ Aluno que depois se ordenou, com atuação pastoral na Diocese de Conceição do Araguaia (PA). Hoje é professor no Departamento de Serviço Social, na UFRJ.

com a aprovação. Na documentação que apresentou em sua defesa – em favor de uma *Religionswissenschaft* – argumentou o professor: “a ciência da religião no singular tem o forte significado de abranger a totalidade dos fenômenos religiosos que aparecem nas diversas religiões” (conforme consta em ata do Departamento).

O curso de ciências das religiões foi aprovado no Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE) em 1970. Faltava apenas sua aprovação no Conselho Universitário (CONSU), tendo também uma indicação positiva de sua acolhida no Conselho Federal de Educação, tendo em vista o apoio demonstrado pelo professor Newton Sucupira. Para a surpresa dos que apoiavam o início do curso, ocorreram resistências à sua implantação tanto na Universidade²⁰ como na Igreja local, inclusive com interferências eclesásticas junto ao Conselho Federal de Educação. Chegou a acontecer um único vestibular para ciência das religiões, em 1976, com abertura de 10 vagas, mas o processo veio a ser interrompido no ano seguinte. No ano de julho de 1977 registrou-se uma campanha, certamente orquestrada, envolvendo segmentos da Universidade (em particular da Faculdade de Direito) e da Igreja local. A tensão irradiou-se para além dos muros da Universidade, com repercussões em âmbito mais amplo. O Diretório Central dos Estudantes posicionou-se em defesa do Curso, bem como outros intelectuais de respeito, como Hilton Japiassu. Vale registrar um trecho do artigo publicado pelo filósofo no Jornal Diário Mercantil de 20/07/1977:

A Universidade de Juiz de Fora estava de parabéns. Porque havia ousado superar o velho ranço positivista, com seus preconceitos obscurantistas, e instaurado em seu seio o curso de Ciências das Religiões. Fato Pioneiro no Brasil. E único. Digno da grande envergadura de inteligência de quem lutou por tal implantação.

²⁰ Um conhecido professor da Faculdade de Direito, Almir de Oliveira, escreveu um polêmico artigo no jornal local, Diário Mercantil (julho de 1977), desmoralizando o curso e atacando um de seus docentes, o professor Wolfgang Gruen. Este fato suscitou imediata reação contrária, da comunidade local e do Departamento de Ciências das Religiões, exigindo um posicionamento do diretor do ICHL junto aos meios de comunicação da cidade.

Apesar de ser um curso que, na mentalidade dos que não pensam, dos burocratas do saber, dos que são comandados por uma filosofia mercantilista e pragmatista, dos que reduzem o Saber a uma ideologia pecuniária do 'status' que possa conferir a formação universitária (...). Enfim, o meu apoio a todos que estão empenhados, não em 'salvar' um curso em vista de seus interesses, mas um curso que dignifica a inteligência e magnifica a cultura de um povo, conferindo real estatuto de Universidade à Universidade de Juiz de Fora (Japiassu, 1977).

A triste campanha contra o curso foi realizada no momento em que seu maior defensor, Jaime Snoek, estava de férias na Holanda, sem poder reagir à altura. No cenário, os personagens positivistas históricos mancomunados com setores conservadores da igreja católica, provavelmente liderados de forma sutil pelo Arcebispo local²¹. A resistência, felizmente, aconteceu simultaneamente. De volta das férias, Jaime Snoek, enquanto representante do ICHL no CONSU, toma a defesa do curso e salva a substância: o curso continuou normalmente, mas sem vestibular ou matrícula, com disciplinas oferecidas como optativas para os demais cursos, além de outras obrigatórias para determinados cursos, como História do Cristianismo (para o curso de história), filosofia da religião e Estudo Comparado das Religiões (para o curso de filosofia) e Antropologia Religiosa (para o curso de serviço social).

Na década de 1980 o Departamento de Ciência das Religiões passou por momentos difíceis, com um quadro docente reduzido e a motivação em baixa depois das tentativas mal sucedidas de fazer erguer o curso tão almejado. Com a presença do professor Antônio Guglielmi na condução do Departamento começou a se articular um movimento em favor da criação de um quadro docente de excelência, com o acento na boa formação acadêmica e uma perspectiva mais laica. Em diversas situações, esse docente manifestou seu descontentamento com determinados

²¹ Como assinalou Wolfgang Gruen, em artigo, "há redutos confessionais que nutrem pouca simpatia pelo curso de Ciências da Religião: temem que, com suas análises, críticas, abordagem pluralista, ele solape a fé de seu adeptos" (Gruen, 2005, p.23).

candidatos que se apresentavam nos concursos, que na ocasião sequer exigiam o título de doutor para o preenchimento dos cargos. Num de seus ofícios, dirigido à relatora do processo de abertura de um dos concursos realizados para o provimento de cargo de professor no Departamento de Ciências da Religião – datado de 8/12/1989, sublinhou:

A Ciência da Religião, ou seja, o ensino e a pesquisa científica da religião ou do fato religioso, é uma área que se presta ao equívoco de muitas pessoas se suporem preparadas e possuidoras de amplos conhecimentos. São portadoras (ministros de confissões religiosas, na maior parte) de excelente formação religiosa e moral, mas, na grande maioria, desprovidas de formação científica e, comumente, sem experiência de magistério em nível superior.

Sinaliza entre suas ponderações os problemas enfrentados pelo Departamento em concursos anteriores, em que candidatos, a seu ver, de tal forma despreparados, causavam constrangimentos à Comissão Examinadora. Daí sua viva defesa em favor da abertura de concursos visando o aproveitamento de doutores ou livre-docentes com comprovada competência nos âmbitos requeridos pelo Departamento, ou seja, de docentes provenientes dos grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte ou Porto Alegre.

A luta de Guglielmi e de outros docentes do Departamento não foi sem efeito. No final de 1980 e início da década de 1990 surgem docentes com um perfil diferenciado no Departamento, mais afinado com a perspectiva visada e defendida por Guglielmi em seu incansável trabalho. Com a entrada dos professores Faustino Teixeira (teólogo)²², Pedro Ribeiro de Oliveira (sociólogo)²³ e

²² Tinha sido ex-aluno do curso, dando sequência à sua formação teológica na PUC-RJ e na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, tendo defendido sua tese doutoral em 1985. Antes de ingressar na UFJF era professor de teologia na PUC-RJ, onde atuou como docente de 1978 a 1992. Atua hoje como pesquisador e docente no PPCIR.

²³ Com doutorado em sociologia pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica), exerceu sua docência no Departamento de Teologia da PUC-RJ (sociologia da religião) e depois na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É hoje membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-MG.

Luiz Bernardo Leite Araújo (filósofo)²⁴, todos leigos e com uma marcada preocupação acadêmica, o Departamento de Ciência da Religião ganha um novo viço. Com eles nasce o projeto de pós-graduação em ciência da religião na Universidade Federal de Juiz de Fora. Ingressam no Departamento com uma visada diferencial, buscando “autonomia de reflexão na temática da religião, fora da tutela das instituições de ensino superior católica” (Camurça, 2003, p. 145), ainda que a proveniência dos três estivesse ligada ao trabalho progressista da Igreja católica e ao campo reflexivo da teologia da libertação. A quase simultânea entrada desses três professores no Departamento foi resultante de uma “oportuna conjugação de fatores”, como sinalizou Marcelo Camurça em análise a respeito da gênese do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) na Universidade Federal de Juiz de Fora. Conforme assinala Camurça,

pelas mãos desses três intelectuais assegurou-se, na estrutura da Pós-graduação de Ciência da Religião de Juiz de Fora, um perfil marcado pelo respeito aos cânones e exigências do rigor científico. E devido às concepções (teórico-existenciais) de seus três artífices, o conteúdo do curso e de sua disciplinação adquire uma ênfase que mescla uma perspectiva de investigação empírica de cunho sociológico com uma reflexão (filosófica) crítica em torno do papel da religião na modernidade e com uma reflexão (teológica), que se concentra na perspectiva do diálogo e da tolerância entre as religiões, exigência básica da modernidade, enfim, todo o conjunto das áreas curriculares referenciado nas ciências humanas (Camurça, 2003, p. 146).

A estratégia seguida pelo Departamento de Ciência da Religião em seu projeto de instauração de um programa de pós-graduação na área foi firme e segura, seguindo passos graduais de afirmação. Primeiro nasceu o Curso de Especialização em Ciência da Religião, em 1991²⁵. Só dois anos depois, e gestado

²⁴ Fez o doutorado em filosofia na Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Hoje é docente no Departamento de filosofia da UERJ.

²⁵ Curso que até hoje funciona, com grande sucesso, sendo praticamente o único curso lato sensu gratuito oferecido anualmente pela UFJF.

num processo de amplo debate e discussão, é que nasceu o Mestrado, em 1993, num momento em que a UFJF começava lentamente a investir na pós-graduação²⁶.

Um dos professores, Luiz Bernardo, foi designado para elaborar o projeto que foi apresentado aos órgãos da Universidade e depois submetido à avaliação da Capes. Foram quase dois anos de reflexão compartilhada. O projeto do Mestrado foi aprovado pela Capes com nota 4, e as atividades se iniciaram em 1993. Para a coordenação do programa foi designado o professor Faustino Teixeira, que permaneceu no cargo por dez anos. Com o processo exitoso do mestrado em curso, e seguindo uma dinâmica paulatina de aperfeiçoamento do quadro docente, com a entrada de inúmeros novos professores doutores no PPCIR, nasceu o doutorado no ano de 2000, também avaliado inicialmente com a nota 4 pela Capes. Foi o primeiro doutorado da Universidade Federal de Juiz de Fora.

No momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, particularmente com o nascimento do mestrado, em 1993, a estruturação do curso pautava-se por uma rica dinâmica de interconexão das duas áreas de concentração então existentes: a área de diálogo inter-religioso e a área de razão e religião. Partilhava-se também uma compreensão comum sobre o significado da ciência da religião, entendida como “um estudo científico dos fenômenos religiosos em toda a sua pluralidade” [Oliveira, 2004, p. 106]²⁷. A ênfase recaía no singular, ciência da religião, mas, como assinalou Camurça com

²⁶ Na época em que o Programa foi avaliado em Brasília pela Capes, Antonio Gouvêa de Mendonça e Pedro Assis Ribeiro de Oliveira atuaram como consultores da subárea de teologia e ciências da religião. O professor Mendonça lembra em artigo que foi ele quem deu parecer positivo para a aprovação do curso e, na época não se preocupou com o nome do curso no singular, ciência da religião, mas com “os elementos fundamentais do curso”. Sinalizou no artigo que os dois programas nacionais (na ocasião) que sustentavam “o perfil mínimo de um curso de ciência (s) da religião” eram os de Juiz de Fora e o da PUC-SP. Cf. Mendonça [2001, p. 185].

²⁷ Esse artigo de Pedro Oliveira traduz de forma muito feliz a visão comungada pelos docentes do Departamento de Ciência da Religião no momento de seu nascimento, estando também presente no projeto elaborado por Luiz Bernardo Leite Araújo, que foi enviado para Brasília e aprovado pela Capes.

acerto, a perspectiva defendida por Pedro, que era a mesma do programa em seu nascedouro, favorecia a acolhida de um “pluralismo metodológico” (Camurça, 2003, p. 149). Em artigo sobre o tema, Pedro Ribeiro de Oliveira sintetiza de forma feliz a concepção que movia o programa naquele momento. A insistência recaía no “caráter pluridisciplinar” do curso:

Não se trata de um mestrado em uma área específica (v.g. ciências sociais, psicologia, filosofia, teologia, história), mas de um estudo que, a partir de ‘uma’ disciplina, pesquisa a religião levando em consideração os aportes de outras. Neste sentido, o mestrado em ciência da religião não avança sobre outras áreas acadêmicas, mas, ao contrário, dá aos seus praticantes a possibilidade de aprofundar seu conhecimento específico com um domínio maior sobre o fenômeno religioso. Em suma: ao falarmos de ciência pretendemos fazer uma abordagem que, por ser científica, não é interna às religiões, mas que não se restringe a uma única disciplina. Mestre em ciência da religião é alguém que, na sua área, está apto a ensinar e pesquisar no campo da religião (Oliveira, 2004, p. 106-107).

Já se observa, porém, na ocasião, uma dificuldade que foi depois sublinhada por pesquisadores da área. A laboriosidade que envolve o estudo da religião e as exigências que este trabalho implica para os estudiosos que a ele se dedicam. Como observou Luís Dreher (2001, p. 155): “A marca do estudioso da religião é, em primeiro lugar, isso: o fato de que lida com um objeto de estudo extremamente complexo, que exige uma formação multifacetada e que resiste às simplificações”. No caso de um programa de ciência ou ciências da religião, exige-se também o imperativo de um exercício interdisciplinar, ainda que tal tarefa tenha seus “custos epistemologicamente altos”; bem como o movimento que deve ser constante de ampliar o leque das abordagens disciplinares, envolvendo a presença de temas que não se restrinjam ao campo do cristianismo (Mendonça, 2001, p. 184). Essa também foi uma das preocupações que motivou a experiência de Juiz de Fora em seus passos subseqüentes.

Assim nasceu o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, e o conhecimento de sua gênese revela-se fundamental em razão do pioneirismo da experiência em âmbito geral, e novidadeiro por acontecer numa universidade pública, cuja história no Brasil foi até pouco tempo muito pontuada pelas reticências aos estudos de religião²⁸.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem: A volta do sagrado. Os caminhos da sociologia da religião no Brasil. *Religião e Sociedade*, n. 3, 1978, p. 109-141.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Educam, 2005.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre as ciências humanas e a teologia. Gênese e contexto do programa de pós-graduação em Ciência da Religião de Juiz de Fora em cotejo com seus congêneres no Brasil. In: GUERRIERO, Silas (Org.). *Estudos das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 139-155.

DREHER, Luiz Henrique. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. Afirmção de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 151-178.

GRUEN, Wolfgang. Ciências da religião numa sociedade multicultural. *Horizonte*, v. 3, n. 6, 2005, p. 15-26.

JAPIASSU, Hilton. Ciência das Religiões. *Diário Mercantil*, 20/07/1977.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa de. Comentários sobre um texto prévio de Luís Dreher – UFJF. Ciência (s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s)*

²⁸ Ver a respeito o clássico artigo de Alves (1978).

ciência(s) da religião no Brasil. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 179-196.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. Teologia e ciências da religião: uma área acadêmica. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Teologia profissão*. São Paulo: Soter; Loyola, 2004, p. 95-109.